
EDITORIAL

UMA DÍVIDA A SER PAGA

"No tempo da escravidão, moço branco é quem mandava, quando o senhor ia à missa era nego quem levava. O senhor entrava prá dentro, nego lá fora ficava, se nego estava cansado, de chicote ele apanhava. Chegando nesta senzala é que nego véio rezava, pedindo a Deus do céu, que tenha pena destas alma".

Com estas palavras, cantadas em melodia plangente, à porta da Igreja, o solista pede licença ao padre para entrarem os congadeiros. Inicia-se a Missa Conga, tradição religiosa negra, típica de Minas Gerais. O texto citado revela a obra evangelizadora vista a partir do povo negro. Reconhecer a justeza dessa versão é um dos gestos de conversão que a Igreja no Brasil pretende realizar nesta quaresma, com a Campanha da Fraternidade sobre o negro.

A Igreja, nascida do lado aberto de Cristo crucificado, um marginalizado de seu tempo, teve uma primeira manifestação histórica na experiência de Pentecostes. Cada qual ouvia contarem-se as maravilhas de Deus em sua própria língua (cf. At 2,6). Símbolo da exigência de inculturação, do imperativo de a Igreja assumir sempre novos modos de agir, novos esquemas de pensar, novas formas de celebrar, segundo as diversas culturas.

Mas esse despojamento, essa *quenose* (cf. Fl 2,7) é sempre experiência dolorosa, sofrida, conquistada a custo, como que forçada pelo Espírito Santo (cf. At 10). Entre a exigência de desinstalar-se e a tentação de continuar com o conhecido e costumeiro, universalizando indevidamente uma cultura particular, a Igreja vai, através dos tempos, atualizando o grande projeto de fraternidade e unidade, instaurado por Jesus Cristo, derrubando todos os muros de separação (cf. Ef. 2,14; Gl 3,26-28), em vista da reconciliação da humanidade (cf. Ef 2,16; Cl 1,20.22). À Igreja missionária foi confiada a "diaconia da reconciliação" (2 Co 5, 18). Esta "ainda não" se realizava plenamente no "já" da história, mas a visão do Apocalipse a garante: diante do trono e do Cordeiro, está uma incontável multidão "de todas as nações, tribos, povos e línguas" (Ap

7,9). *A experiência fundante da Igreja em missão é, pois, fazer os homens e mulheres encontrarem um ponto comum de referência: Jesus Cristo. Nele, pela força do Espírito, todos tentam viver como irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai.*

Num exame de consciência histórico, a Igreja se pergunta hoje até que ponto foi fiel à sua missão no tocante ao povo negro, quando até agora não foi capaz de enegrecer-se:

Enquanto a Igreja constituía um grupo periférico e marginalizado, demonstrou maior maleabilidade em relação aos povos e culturas. A evangelização assumia, por dentro, o evangelizado, com sua cultura e visão de mundo, vivendo e pensando a fé a partir daí. Haja vista como foi assumida a cultura helenista, em cujos parâmetros se repensou todo o Mistério cristão. Mesmo não sendo já propriamente grupo periférico, a mesma sensibilidade foi demonstrada, por exemplo, na evangelização dos povos eslavos e germânicos. A versatilidade, porém, vai desaparecendo na medida em que se padroniza um esquema, tornado modelar para a Igreja. O trabalho de evangelização encaminha-se então na linha da conversão das diferentes culturas à cultura padrão européia, em detrimento das peculiaridades de cada cultura. A unidade já não respeita a diversidade; confunde-se com uniformidade.

Antes que os europeus contactassem com a África negra, a partir do século XV, já corriam teorias imaginárias a respeito da raça negra, todas elas caracterizando-a como sub-raça e descrevendo-a de modo horripilante. Os brancos já contactam com os negros sob a influência de preconceitos raciais, justificados até biblicamente por uma suposta descendência de Cam, o filho amaldiçoado de Noé.

Posteriormente, tal visão racista justificaria o modelo escravagista de sociedade.

São dados importantes para compreender a evangelização dos negros. Ser evangelizado, sinônimo de ser civilizado, significará renunciar a seu universo próprio, como seus valores, para revestir a nova roupagem trazida pelos evangelizadores. Houve assim, desde o início, por parte dos missionários, uma recusa de falar a língua dos povos negros.

No Brasil, os missionários aportavam flanqueando os colonizadores, embora os interesses dos dois grupos nem sempre coincidissem. Este fato determinou a identificação da Igreja católica e do cristianismo, que ela pregava, como a religião dos senhores, dos dominadores, dos brancos.

Aportando no Brasil, depois de terem sido vilmente seqüestrados de suas tribos na África e lançados nos desumanos porões dos navios negreiros, os negros aqui chegavam com sua sina marcada: ser objeto de comércio e força de trabalho gratuita nos engenhos e fazendas. Esta-

vam, de antemão, fadados à marginalização social e econômica nesta terra de exílio. A preocupação imediata da Igreja foi salvar-lhes a alma, fazê-los cristãos, mesmo prescindindo do necessário catecumenato. E a salvação dos corpos? Batizados na religião dos seus senhores, que eram os responsáveis por sua evangelização e catequese, não podiam — nem mesmo na Igreja — gozar de iguais direitos e privilégios. Para os escravos, o cristianismo apresentava-se inevitavelmente como religião classista, dividida por um muro intransponível, nos níveis racial, cultural, econômico...

Quanto se sabe, não houve, aqui no Brasil, preocupação da Igreja de entrar no mundo negro africano para levar os negros a viverem o Mistério cristão a partir de seus valores, a celebrarem-no com seus ritmos, a pensarem-no em suas categorias. Ao longo do período escravagista, foram trazidos para o Brasil mais de três milhões e meio de escravos. Com seus descendentes, viriam a constituir considerável parcela da população. E, no entanto, era-lhes imposto um cristianismo de talho europeu, com práticas litúrgicas e devocionais alheias à sua cultura.

Uma leitura superficial da história acostumou-nos a ver os negros pacientes e resignados diante das atrocidades cometidas contra eles. Mas a verdade é diferente. A história do Brasil está pontilhada de insurreições negras. Os quilombos, dos quais Palmares é símbolo, foram testemunhas da revolta latente no coração dos escravos e do seu desejo de libertação.

A nível religioso, os negros também encontraram formas de resistência. Souberam servir-se dos esquemas da religião dos senhores, que justificava a servidão, e transformá-los em elementos de preservação da identidade cultural. Sinal palpável foi o ardiloso expediente de continuar nas senzalas as celebrações dos santos e das festas católicas, devidamente relidas segundo seus próprios esquemas religiosos. Surge o sincretismo afro-católico até hoje presente e vivo em nosso País. As confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, existentes do norte ao sul do País, também constituíam lugar de resistência. Nelas os negros se sentiam reconhecidos em sua dignidade pelos novos parâmetros de convivência social, contrastantes com sua posição de escravos.

Esta firmeza permanente, latente ao longo dos séculos de opressão, patenteou-se no florescimento, em grande escala, dos centros de culto afro-brasileiro, quando se lhes franqueou a possibilidade de livre expressão. Conhecida ialorixá baiana, no entusiasmo da nova situação, chegou a propor a tarefa impossível de retraçar os limites entre o catolicismo e candomblé, para reduzir este às suas expressões mais puras.

Firmeza permanente capaz de transformar em suporte de seus movimentos insurreccionais até mesmo a religião que lhes fora imposta. Talvez se possa afirmar que este povo de marginalizados, esmagado pela

escravidão, tenha sido capaz de ultrapassar os limites da concretização histórica do Evangelho, para intuir o sentido da proposta original de Jesus Cristo: a fé não convive com a dominação do homem sobre o homem; o Reino de Deus é reino de irmãos, reunidos pelo Pai, ao redor do grande irmão Jesus Cristo, na força dinamizadora do Espírito Santo. Curioso fenômeno: a religião dos opressores torna-se religião de libertação, como sempre deveria ter sido.

Com o Concílio Vaticano II, a Igreja dá uma guinada na sua postura plurissecular e assume nova consciência a respeito da relação fé-cultura. Rompe-se com o privilégio tacitamente assumido pela cultura européia. Incentiva-se a adaptação dos elementos da tradição católica às mentalidades e tradições dos povos, em cujas vidas a Igreja está presente. Nesse horizonte, a tradição e cultura negra apresentam-se como desafio para a Igreja no Brasil.

O documento de Puebla reconhece o africano como um dos "três universos culturais" constitutivos do espaço histórico latino-americano (Puebla 307; 409). Universo que deixou marcas profundas na cultura latino-americana, mas ainda não chegou a ter uma presença eclesial significativa. Se tivéssemos que dar uma coloração epidérmica às muitas "feições sofredoras de Cristo" esboçadas por Puebla (32-39), em se tratando de Brasil, resultaria uma coloração basicamente negra. A maioria dos negros brasileiros integra a imensa legião dos empobrecidos e marginalizados, sobre quem pesa o estigma de um estereótipo social: o negro é sempre o mal-educado, o mau caráter, o anti-social, o preguiçoso, o malandro, o ladrão... Raros são os negros que ainda não experimentaram a discriminação, que não foram preteridos por sua cor. O sofrimento de Cristo encontra sua perpetuação no sofrimento da raça negra. Felizmente a Igreja começa a tornar-se mais atenta a este fato.

Nas últimas décadas, temos assistido à emergência de inúmeras minorias políticas marginalizadas, entre elas o povo negro (segundo estimativas, 43% da população!). Esta emergência não tem geração espontânea, não nasce do nada; foi forjada numa longa história de sofrimento, tortura, revolta, morte. Os negros, cada vez mais, tomam consciência de seus direitos e se articulam para superar os preconceitos sociais que pesam sobre eles. É questão de justiça reconhecer-lhes igualdade de direitos, sem qualquer tipo de discriminação. A cor da pele não pode ser critério de classificação econômico-social; menos ainda religiosa.

No bojo deste movimento, os negros procuram afirmar-se, articulando-se em vários níveis, rejeitando ser tratados como cidadãos de segunda categoria. Surge a imprensa negra; criam-se espaços para a expressão teatral e artística negra; multiplicam-se os grupos de conscientização, associações e centros de estudos negros; vem a lume expressiva

literatura sobre o tema da negritude; tentam-se superar as desconfianças e preconceitos contra os ritos afro-brasileiros; em alguns partidos políticos, são criadas secções particularmente interessadas na problemática negra. Como símbolo histórico do lugar a que os negros têm direito na sociedade nacional, a deputada Benedita da Silva — mulher, negra e pobre — assumiu, no ano passado, por brevíssimo período de tempo, a presidência dos trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte.

Dentro da Igreja Católica, sente-se o reflexo deste fenómeno a partir da década passada. Um grupo de bispos, padres, religiosos, religiosas e agentes de pastoral começam a reunir-se para estudar a questão da presença do negro na Igreja. Surgem o Grupo de União e Consciência Negra (GRUCON), o Grupo de Agentes de Pastoral Negros, a Comissão de Seminaristas Negros, o Grupo de Irmãs Negras. Uma incipiente teologia negra começa também a desenvolver-se entre nós, a exemplo dos Estados Unidos, onde os teólogos negros já garantiram seu espaço no mundo da reflexão. Na "Missa dos Quilombos", D. Pedro Casaldáliga e Milton Nascimento cantaram a morte e a ressurreição de Jesus na páixão do povo negro, "à procura dos quilombos da Libertação".

Neste ano, em que se celebra a abolição legal da escravatura, a Igreja assumiu como tema da Campanha da Fraternidade "A Fraternidade e o Negro". É uma maneira de resgatar sua imensa dívida para com esta raça. A postura fundamental da Igreja deverá ser de penitência, pois, se em algumas poucas ocasiões ela condenou a escravidão e o racismo, na verdade, pouco fez para integrar social e eclesialmente os negros. Embora haja quem pense terem os negros vez na Igreja e não sofrerem discriminação no seio do Povo de Deus, os fatos estão aí para desmenti-lo: a pequena porcentagem de padres, religiosos, religiosas e bispos negros em contraste com seu número no total da população; a ausência da cultura negra na liturgia e na arte sacra; a incompreensão frente ao ethos negro. Em resumo: os negros ainda não encontraram seu espaço na Igreja, como negros. Nisto se reflete, em âmbito eclesial, o arremedo de abolição da escravatura, representado pela "Lei Áurea". Aos escravos foi dada liberdade, sem a devida reorganização da sociedade para que eles a pudessem exercer. Resultado: continuaram de outra forma submetidos a seus antigos senhores. Na prática, a mesma melodia em outra tonalidade. A presença negra, no corpo eclesial, foi sempre considerável. Porém, apesar da proporção numérica, ao menos a nível da base, os negros na Igreja até agora não se articularam a partir de sua identidade negra. O quantitativamente negro não se expressa num qualitativamente negro. O esquema social de desintegração repete-se na Igreja.

Entretanto, os negros não se calaram e a Igreja finalmente quer

ouvir "o clamor deste povo". Aguardemos os resultados. Algo tem que mudar em função desta nova consciência. A herança cultural negra terá que ser levada em conta no modo de o cristão ser e agir, na liturgia, na teologia e nas outras práticas tradicionais católicas. Os negros terão crescente participação e deixarão de ser discriminados na instituição eclesial. É uma dívida que a Igreja tem com este povo.

"Deus não faz acepção de pessoas". A afirmação ecoa ao longo de toda a Sagrada Escritura (Dt 10, 17; Jó 32, 21; 34, 19; At 10, 34; Rm 2, 11; Ef 6, 9). É outra maneira de expressar o privilégio dos pobres e marginalizados de serem os prediletos de Deus. São Tiago previne-nos contra esse pecado (cf. Tg 2, 1-9). A Igreja cometeu-o em relação aos negros. É tempo de conversão. É tempo de fraternidade. É tempo de falar também a "língua dos negros" e ajudá-los a transformar a terra do exílio e cativo de seus antepassados em terra de libertação e fraternidade.